

O que pode fazer o psicólogo na escola: reflexões preliminares

What psychology can do in school: preliminary reflections

DOI:10.34117/bjdv7n4-058

Recebimento dos originais: 16/03/2021

Aceitação para publicação: 03/04/2021

Adriana Moreira dos Santos Ferreira

Psicóloga, mestre em Educação

Instituição: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre

Endereço: Rua Belo Amorim, nº 100. Centro. Alegre-ES. CEP: 29500-000

E-mail: adrianamferreira@gmail.com

Estefani Vidal Zambi

Graduanda em psicologia

Instituição: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre

Endereço: Rua Belo Amorim, nº 100. Centro. Alegre-ES. CEP: 29500-000

E-mail: estefanizambi2702@hotmail.com

RESUMO

A produção acadêmica em psicologia escolar tem apontado para práticas profissionais ainda calcadas em um modelo de atuação clínica. Consequentemente, nota-se que algumas instituições escolares mantêm a concepção de que o trabalho do psicólogo escolar se restringe ao atendimento a alunos com queixas escolares. O presente trabalho refere-se à atividade da disciplina Psicologia Escolar e Educacional do curso de psicologia da FAFIA, que buscou conhecer o entendimento da comunidade escolar sobre a atuação do psicólogo escolar neste ambiente. Para tanto, em novembro de 2018, aplicou-se questionários a representantes de cada segmento da referida comunidade de instituições públicas de ensino de municípios da região do Caparaó - ES. Respaldados em autores que defendem a atuação crítica desse profissional, enfocando a instituição escolar e as relações sociais que ali se dão, entendendo o processo educativo como multifatorial e a queixa escolar como multideterminada, defende-se o trabalho com amplos segmentos da comunidade escolar, em busca de uma atuação preventiva. Em uma aproximação inicial verifica-se que, embora se encontre grande número de respostas que restringem a atuação do psicólogo escolar ao atendimento aos alunos, os dados também indicam um conhecimento mais amplo da atuação deste profissional, a partir da ocorrência da menção a uma atuação junto à equipe diretiva, professores, famílias e demais funcionários da escola, mesmo que em menor número. Este dado aponta para uma mudança de compreensão acerca do que pode fazer o psicólogo escolar na escola, apontando, além disso, para uma melhoria na formação inicial de psicólogos para atuar no mencionado contexto.

Palavras-chave: Atuação Preventiva, Queixa Escolar, Psicologia Escolar.

ABSTRACT

Academic production in school psychology has pointed to professional practices still based on a model of clinical practice. Consequently, it is noted that some school institutions maintain the view that the work of the school psychologist is restricted to assisting students with school complaints. The present work refers to the activity of the School and Educational Psychology discipline of the FAFIA psychology course, which sought to understand the understanding of the school community about the role of the school psychologist in this environment. To this end, in November 2018, questionnaires were applied to representatives of each segment of the said community of public educational institutions in municipalities in the Caparaó region - ES. Supported by authors who defend the critical performance of this professional, focusing on the school institution and the social relations that occur there, understanding the educational process as multifactorial and the school complaint as multidetermined, working with broad segments of the school community is defended, in search for preventive action. In an initial approach, it appears that, although there is a large number of responses that restrict the performance of the school psychologist to the assistance to students, the data also indicate a broader knowledge of the performance of this professional, from the occurrence of the mention of an activity together with the management team, teachers, families and other school employees, even if in a smaller number. This data points to a change in understanding about what the school psychologist can do at school, pointing, moreover, to an improvement in the initial training of psychologists to work in the aforementioned context.

Keywords: Preventive Action, School Complaint, School Psychology.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Escolar ou Educacional é a especialidade da psicologia que se dedica aos processos de ensino-aprendizagem, do desenvolvimento e da escolarização, buscando favorecer a criação de um ambiente de promoção de saúde e bem-estar de todos os que frequentam instituição escolar (alunos, professores, especialistas em educação, pais, demais funcionários da escola e a comunidade em seu entorno). Neste contexto, cabe ao psicólogo conhecer as forças que se entrecruzam junto à escola, bem como as respectivas reações e relações de poder inerentes às relações sociais que ali se estabelecem (Patto, 1997)

Nesta perspectiva, o psicólogo escolar junto com os educadores, tem a função de contribuir na promoção de aprendizagem e desenvolvimento dos educandos, com uma perspectiva mais integral do sujeito aquela que vem sendo enfatizada pela escola. Portanto, deve-se promover, além do desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento emocional, social e motor por meio de intervenção com os professores, as crianças, suas famílias e comunidade escolar (Guzzo, Mezzalira, Moreira & Tizzei, 2010).

Contudo, a sociedade ainda demonstra esperar do psicólogo escolar o ajustamento de estudantes ao sistema educacional. O psicólogo ainda é visto pela comunidade escolar como o solucionador de problemas, o que detém a chave mágica para a solução dos problemas identificados no processo ensino-aprendizagem. Entretanto, torna-se válido destacar que ao assumir esta postura o psicólogo estaria sendo um legitimador da desumanização do homem, comprometendo-se com a reprodução das relações instituídas, e seu trabalho estaria reproduzindo e mantendo a exclusão em ambiente escolar (Branco, 1998 citado por Guzzo et. al., 2010). Assim, ao privilegiar este modo de atuação, o psicólogo deixa de atuar como agente de mudanças dentro da instituição escolar.

Cumprе ressaltar que no Brasil, conforme nos alerta Goulart (2003 citado por Lima, 2005), foi a Psicologia que derivou da Psicologia da Educação. Esta, desde o início do século XX, tem sido chamada pela educação para fundamentar teoricamente questões importantes da educação escolar.

Desta forma, ao refletir acerca da história da psicologia escolar no Brasil, Lima (2005) enfatiza a existência de cinco modelos de atuação, tendo por referência as posturas de atendimento psicológico nos contextos educativos escolares: psicométrico, clínico, preventivo, compensatório e crítico. Entretanto, o surgimento de um modelo não indica necessariamente a superação dos modelos anteriores, visto que hoje, em que vigora a compreensão de que a atuação deve seguir os princípios do modelo crítico, ainda encontram-se elementos dos modelos anteriores nas práticas profissionais de alguns psicólogos escolares.

Foge aos propósitos do presente texto a discussão detalhada de cada um desses modelos, porém, é válido considerar que na história da articulação entre psicologia e educação, parte-se de uma prática individualizante e adaptacionista, para uma prática que privilegia a complexidade dos problemas de aprendizagem, que “passam a ser vistos como um fenômeno constituído socialmente, cuja análise deve abarcar os aspectos históricos, econômicos, políticos e sociais” (Lima, 2005, p, 21).

Por muito tempo prevaleceu a ideia de que a prática do psicólogo escolar estava associada principalmente à avaliação de crianças e jovens que apresentavam dificuldades de aprendizagem, a qual ocorria por meio de instrumentos psicológicos que mediam a capacidade dos alunos, separando os alunos aptos dos não aptos para o processo de aprendizagem (Patto, 2015).

Contudo, ainda hoje, a atuação dos psicólogos escolares “se associa frequentemente ao diagnóstico, ao atendimento de crianças com dificuldades emocionais

ou de comportamento, e orientação aos pais e aos professores sobre como trabalhar com alunos com esse tipo de problema” (Martinez, 2010, p. 40). Essa associação deriva do impacto do modelo clínico terapêutico de atuação dos próprios psicólogos e da centralidade do modelo médico em nossa sociedade. Alguns profissionais ainda atuam com práticas pautadas no modelo clínico, o que pode ser indicativo da necessidade de reformulação nos cursos de formação inicial de psicólogos que, em muitos casos, não contemplam satisfatoriamente, em sua grade, disciplinas e estágios voltados à área (Neves, 2015).

Ao contrário dos outros profissionais, como, por exemplo, o diretor, a professora, o pedagogo, que tem suas funções mais demarcadas na escola, a atuação do psicólogo no mencionado contexto traz consigo alguns questionamentos, como: “Para que serve o psicólogo? O que pode realmente resolver? Qual a especificidade de seu trabalho em relação ao dos outros profissionais da escola?” (Martinez, 2010, p. 40).

Por um longo tempo acreditou-se que os alunos eram os únicos responsáveis por seus problemas de aprendizagem, não se levando em consideração os determinantes históricos, econômicos, sociais, pedagógicos e políticos das dificuldades de aprendizagem. Logo, cabia ao psicólogo o atendimento a este aluno, visando detectar e solucionar os problemas identificados, em uma atuação individualizante e classificatória. No entanto, na década de 1980 se inicia um movimento de análise crítica da atuação do psicólogo escolar a fim de que fosse possível a consideração dos processos desenvolvidos na instituição escolar, lançando as sementes do que hoje se conhece como *psicologia escolar crítica*. Neste ínterim, a análise do fenômeno educacional passa a considerar a multiplicidade de fatores que determinam a realidade escolar (Lima, 2005), em uma atuação que abrange a escuta de todos os envolvidos e trabalha juntamente com a escola, professores e família na elaboração e implementação de planos de ação diante da queixa escolar.

Ao psicólogo, então, é lançada a missão de superar esta visão técnica e clínica que por muito tempo embasou a sua atuação e “atuar e refletir politicamente com os indivíduos para conscientizar-se junto com eles das reais dificuldades da sua sociedade” (Freire, 1983 citado por Lima, 2005, p. 22), possibilitando-lhes reconhecer-se como protagonistas de suas trajetórias de vida.

Sobre isso Lima (2005, p. 22) considera que:

O momento é de criar espaços de reflexões com todos os grupos que fazem parte da escola, . . . considerando a realidade escolar como um todo,

pesquisando temas que façam parte das preocupações dos envolvidos, fazendo parcerias com outros profissionais que têm a educação como foco de atenção. . . não há um manual de atuação em psicologia crítica, . . . No entanto, temos alguns ‘princípios norteadores da prática’.

Isto posto, ressalta-se que a atuação do psicólogo escolar na escola deve ter, como um de seus princípios norteadores a superação da concepção de que é o aluno quem deve se adaptar à escola (Maluf, 1994 citado por Souza, 2007). Ao contrário, entende-se que os profissionais da educação, juntamente com o psicólogo e a família devem articular-se de modo a atender às necessidades educacionais do estudante. Deste modo, superando a abordagem psicométrica, as explicações advindas da teoria da carência cultural¹ - segundo a qual as dificuldades de aprendizagem de crianças de segmentos sociais desfavorecidos eram explicadas em função de sua origem social - e o modelo clínico de atuação psicológica no atendimento à queixa escolar.

Nesta perspectiva, a Psicologia Escolar tem buscado encontrar formas de superação dos modelos psicométrico, clínico, preventivo e compensatório supracitados, partindo de concepções do fenômeno educacional e das relações escolares que enfatizam a necessidade de conhecer “a realidade escolar, explicitando os processos que acontecem intramuros, no dia-a-dia do fazer docente e na articulação dessa dimensão com as dimensões política, social, pessoal e institucional” (Souza, 2007, p. 153), fundamentais para a compreensão da constituição da queixa escolar, bem como para a proposição de planos de ação para seu enfrentamento.

Deste modo, compreende-se que cada unidade escolar é atravessada por questões singulares que fazem dela uma realidade única. Portanto, atuar segundo a abordagem crítica em psicologia escolar exige que o profissional se atente à instituição e às relações sociais que ali se dão, tais quais elas se apresentam, num movimento em direção à “escola real”, conforme destacam Ezpeleta e Rockwell (1986).

Portanto, um dos desafios que se apresentam à psicologia escolar refere-se à defesa de uma educação democrática, justa e igualitária. Para tanto, o profissional deve ser capaz de compreender o processo ensino-aprendizagem em sua articulação com o desenvolvimento, fundamentado na concreticidade humana, sem, contudo, deixar de lado

¹/De acordo com a teoria da carência cultural, crianças de meios populares não possuem as mesmas aptidões para o aprendizado que aquelas de contextos sociais mais favorecidos e, por isso, precisam aprender com recursos diferentes dos oferecidos aos outros, o que deu origem a Programas de Educação Compensatória. Porém, os psicólogos escolares continuavam realizando um trabalho individualizante, voltado para o diagnóstico das deficiências dos carentes mediante testes psicológicos, e a proposição de meios psicopedagógicos que possibilitassem a aprendizagem das crianças (Lima, 2005).

os aspectos psicológicos do fenômeno educativo, necessários para a efetivação da ação pedagógica.

Assim sendo, o presente trabalho refere-se às discussões advindas de atividade prática realizada por acadêmicos do quarto e sexto períodos do curso de psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre. Partindo do pressuposto de que as escolas ainda entendem o trabalho do psicólogo escolar na escola, voltado predominantemente para o atendimento e orientação aos alunos, buscou-se conhecer o entendimento da comunidade escolar sobre a atuação do psicólogo escolar neste ambiente. Portanto, nas seções que se seguem são feitos apontamentos acerca do método, resultados e discussões e conclusões pertinentes ao estudo.

2 MÉTODO

O presente estudo, de caráter exploratório, foi realizado, em novembro de 2018, em 14 escolas públicas de cinco municípios situados na região do Caparaó – ES, com 76 (setenta e seis) pessoas, sendo: 19 (dezenove) alunos, 15 (quinze) professores, 14 (catorze) auxiliares de serviços gerais, 8 (oito) diretores, 6 (seis) secretárias, 6 (seis) coordenadores, 4 (quatro) pedagogos, 2 (dois) bibliotecários, 1 (um) supervisor, 1 (um) que deixou em branco o campo sobre sua função na escola, por meio da aplicação individual de um questionário misto (com questões abertas e fechadas) que continha questões sobre a *representação do psicólogo, o contato anterior com o profissional e o que se espera que o psicólogo faça na escola*.

A opção pelo questionário como instrumento de levantamento de dados deu-se pelo fato do mesmo possibilitar a coleta de maneira objetiva (Prodanov & Freitas, 2013), permitindo a aproximação das representações dos participantes acerca do fazer do psicólogo escolar.

Os acadêmicos foram orientados a realizar a aplicação do questionário em um representante de cada segmento da comunidade escolar, a saber: 1 aluno, 1 professor, 1 diretor ou coordenador/pedagogo, 1 secretário/bibliotecário e 1 auxiliar de serviços gerais, de modo que os questionários eram respondidos de forma anônima, sendo garantido o sigilo da identidade do informante, em atendimento aos preceitos éticos da pesquisa com seres humanos em vigência.

A análise dos dados, realizada no primeiro semestre de 2019, foi feita por meio da leitura dos questionários e posterior categorização dos dados a partir das respostas

emitidas pelos participantes, buscando verificar as concepções dos mesmos acerca da atuação do psicólogo na escola, o que será apresentado posteriormente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para fins do presente trabalho serão discutidos apenas os dados referentes ao último aspecto mencionado, apresentados na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1: O que você espera que o psicólogo faça na escola?

Categorias	Nº de respostas (N)	Porcentagem (%)
Atendimento e orientação aos alunos	50	52,6
Orientação aos professores	18	19
Orientação à equipe diretiva e demais profissionais	8	8,5
Orientação à família	5	5,2
Orientação às pessoas	4	4,3
Não Respondeu	3	3,1
Outros	7	7,3
TOTAL	95	100

Fonte: dados da pesquisa

Como é possível perceber acima, na Tabela 1, os dados foram agrupados em 7 (sete) categorias, a saber: *atendimento e orientação aos alunos* (n=50; 52,6%); *orientação aos professores* (n=18; 19%); *orientação à equipe diretiva e demais profissionais* (n=8; 8,5%); *orientação à família* (n=5, 5,2%); *orientação às pessoas* (n=4; 4,3%); *não respondeu* (n=3; 3,1%) e *outros* (n=7; 7,3%).

Em uma análise um pouco mais detida dos dados da Tabela 1, observa-se que, como esperado, grande número de respostas está concentrada na categoria *atendimento e orientação aos alunos* (n=50; 52,6%). As pessoas que assim respondem entendem que o trabalho do psicólogo na escola deve direcionar-se aos alunos, como é possível perceber nos trechos trazidos abaixo:

“Ajudar às crianças” (P. 11, secretária escolar).

“Que faça uma triagem para diagnosticar os alunos com possíveis problemas, inicialmente. Em segundo lugar, que faça atendimentos específicos para que os problemas sejam amenizados” (P.17, pedagoga).

“Espero que nos ajude a entender a nossa mente e nos auxilie no processo de escolha profissional [...]” (P. 24, aluno).

As respostas acima destacadas remetem a uma compreensão do papel do psicólogo na escola ainda muito ligada ao modelo de atuação clínica, que visava diagnosticar e tratar crianças com problemas de aprendizagem (Lima, 2005). Nesta perspectiva, a presença do psicólogo na escola justifica-se para sanar os problemas identificados no mencionado contexto. No entanto, tal modelo de atuação conduziu a uma psicologização e patologização do espaço escolar, culpabilizando o próprio aluno por suas dificuldades e, conseqüentemente, isentando outras instâncias, como a própria escola, das suas responsabilidades educativas (Oliveira & Marinho-Araújo, 2009). Interessante observar a resposta de P.17, que remete a uma atuação pautada em triagem, diagnóstico e solução de problemas encontrados no ambiente escolar. Desponta nesta resposta, também, a representação do psicólogo como o “redentor da escola” o “salvador”, que com sua atuação amenizará as dificuldades encontradas na escola.

Em seguida, a categoria *orientação aos professores* (n=18; 19%) reúne as respostas daqueles que entendem que o psicólogo na escola poderá assessorar os professores no enfrentamento da queixa escolar, bem como em suas questões pessoais, como nos exemplos a seguir:

“Que nos ajude a buscar meios de trabalhar a motivação, a responsabilidade e o protagonismo que se esperam dos ‘bons alunos’ e que estão cada dia mais raros” (P. 73, professora).

“Que oriente os professores na forma de tratar os alunos” (P. 56, servente).

“Orientação para professores [...] contribuindo para diminuir doenças psicológicas, como estresse e ansiedade” (P. 51, coordenador administrativo financeiro).

Como evidenciado acima, os participantes que assim respondem parecem reivindicar uma parceria do psicólogo na escola com os professores a fim de minimizar os problemas identificados no ambiente escolar, para melhorar a relação professor-aluno e para proporcionar o bem-estar docente aos professores, minimizando o adoecimento dos mesmos. O bem-estar docente resulta de experiências positivas que o professor vivencia em relação a seu trabalho. Nesta perspectiva, trata-se de algo dinâmico, possibilitado pela intersecção entre as características do trabalho e as condições oferecidas para a sua realização – *dimensão objetiva* – e pelas características pessoais (competências, habilidades, necessidades, desejos, valores, crenças, formação e projeto de vida), que caracterizam o que Rebolo e Bueno (2014) denominam de *dimensão*

subjetiva. Ressaltam ainda os autores que são “as avaliações cognitivas e afetivas que o professor faz de si próprio como trabalhador e das condições oferecidas para a realização do seu trabalho . . . que determinam o bem-estar ou o mal-estar docente” (p. 325).

Diante disso, assim como Aquino, Lins, Cavalcante & Gomes (2015), pontua-se a relevância de uma atuação do psicólogo escolar que privilegie uma leitura contextualizada do ambiente escolar, atentando-se para a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, ao papel da escola e à interação professor-aluno na produção do conhecimento.

O psicólogo escolar, ao proporcionar um ambiente de escuta psicológica a alunos e professores, pode trabalhar de forma a possibilitar transformações no ambiente escolar e no comportamento e qualidade de vida dos envolvidos (Andrada, 2005). Sendo assim, a atuação junto aos professores mostra-se essencial, de modo a oferecer-lhes o suporte e assessoria necessários (Pozzobon, Pezzi & Marin, 2014) e promover o bem-estar no processo educacional (Patias, Blanco & Abaid, 2009).

Por sua vez, a categoria *orientação à equipe diretiva e demais profissionais* (n=8; 8,5%) contém as respostas daqueles que possuem uma compreensão um pouco mais ampla das contribuições que o psicólogo pode trazer à escola, vislumbrando a possibilidade de atuação junto à equipe diretiva e demais profissionais da escola, o que pode ser percebido abaixo:

“Articular conhecimentos para que possamos estar fortalecidos e instrumentalizados para uma atuação de qualidade junto aos nossos alunos” (P.2, coordenadora).

“Ajudar os funcionários com suas questões” (P. 27, auxiliar de serviços gerais).

“Um profissional que colabore com a equipe, esclarecendo, orientando a mesma para que possa cada vez mais melhorar seu desempenho no trabalho” (P.33, professora).

As respostas dos participantes P.2 e P. 33 indicam uma compreensão do trabalho do psicólogo escolar como algo mais voltado para o processo educativo, não necessariamente apenas para o aluno. As pessoas que assim respondem parecem entender que a queixa escolar é atravessada por outras questões, como a atuação dos profissionais da escola, não culpabilizando os alunos como os únicos responsáveis pelos problemas e/ou dificuldades enfrentados. Sendo assim, o psicólogo escolar aparece como o profissional que tem a escola como seu paciente, visando sair do modelo clínico e

patologizante, psicologizante, para dar lugar à visão mais compreensiva da complexidade do contexto escolar (Patias & Abaid, 2009).

Analisando um pouco mais a fundo as respostas dos participantes P. 2 e P. 33, é possível perceber que ambos trazem a ideia do psicólogo escolar como o profissional que, por meio de uma parceria com a equipe escolar, poderá instrumentalizá-la a lidar com a queixa escolar. Contudo, a fala de P. 27 “*ajudar os funcionários com suas questões*”, embora carregue a compreensão de que o psicólogo escolar atua não só com os alunos, mas também com os demais membros da comunidade escolar, traz consigo uma compreensão da atuação mais clínica do psicólogo escolar neste contexto, marcada, sobretudo, por uma prática psicodiagnóstica (psicométrica), psicoterapêutica e reeducativa (Souza, 2007) que ainda permeia o imaginário social no que se refere à prática profissional da psicologia. As instituições escolares, em sua grande maioria, ainda associam a prática profissional do psicólogo escolar neste contexto ao atendimento psicoterapêutico, sobretudo dos alunos, mas também dos demais membros da comunidade escolar. Acredita-se que isto ocorra devido à ausência deste profissional em grande parte das escolas, assim, não sabendo ao certo o que o psicólogo pode fazer na escola, as pessoas identificam o seu fazer com a modalidade clínica, muitas vezes individualizante.

Nesta mesma direção, em trabalho que aborda a atuação do psicólogo escolar no Distrito Federal, Neves (2015) ressalta ainda a presença de profissionais atuando com práticas fortemente calcadas no modelo clínico nas escolas. Aponta, também, a existência de cursos de formação inicial de psicólogos que não contêm disciplinas e estágios em psicologia escolar. Psicólogos têm sido formados com experiências predominantemente voltadas para a prática clínica e, assim, ao adentrarem o contexto escolar, acabam reproduzindo ali aquilo que aprenderam durante a formação.

Sendo assim, tal fato demonstra não só a necessária conscientização da sociedade acerca da especificidade da atuação do psicólogo escolar, mas também o investimento na formação inicial e continuada de psicólogos, possibilitando-lhes a inserção nas discussões da área e a experiência em estágios (Neves, 2015). Tais experiências lhes viabilizarão o aprendizado do *modus operandi* do psicólogo escolar, que por meio de observações do cotidiano escolar, conversas informais e pesquisas formais com os atores sociais na escola, poderá levantar as demandas explícitas e implícitas e, em seguida, propor formas de intervir que possam beneficiar a todos os envolvidos de forma ativa ou passiva no processo (Patias & Abaid, 2009)

A orientação à família (n=5, 5,2%) também aparece nas respostas dos participantes como alternativa de atuação do psicólogo na escola, como a seguir:

“Que faça acompanhamento dos alunos e oriente o professor no trabalho com esse aluno, dando suporte à família e tratando diretamente a necessidade dessas crianças” (P. 6, pedagogo).

“Que auxilie os professores com os alunos que necessitam de acompanhamento. Que sejam suporte para o professor, um apoio para a família” (P. 7, professora).

“Fazer com que juntamente com a família dos alunos, possa formar uma cumplicidade para trabalhar possíveis problemas [...]” (P.21, coordenadora).

“Deveria orientar tanto os alunos e também a família através de reuniões, palestras e conversas na escola” (P. 29, coordenadora).

Interessante notar que a atuação junto à família não aparece como algo isolado, e sim em conjunto, visando o bem maior do aluno e sua progressão no processo ensino-aprendizagem. Embora seja notável o reconhecimento dos atores sociais quanto à importância da atuação do psicólogo escolar junto à família, uma leitura mais cuidadosa dos relatos destacados acima, revela que a atenção à família sempre vem posterior àquela dedicada ao próprio aluno e até mesmo ao professor. Cumpre destacar a necessária articulação entre família e escola para trajetórias de sucesso escolar para os alunos e para a diminuição de sintomas de mal-estar docente, manifestados por depressão, desilusão, desmotivação (Marinho-Araújo & Almeida, 2005) e, em alguns casos, pelo abandono da profissão (Lapo & Bueno, 2003).

Reitera-se o posicionamento de Neves (2011) quanto à atuação do psicólogo escolar, que, segundo modelo de atuação proposto pela autora, deve partir do professor e da família, para só então dirigir-se diretamente ao aluno. Contudo, fica o questionamento: em uma realidade em que família e escola parecem distanciar-se uma da outra, em que a família delega à escola a responsabilidade por suprir as suas deficiências e a escola culpabiliza a família por não cumprir com suas funções, em que parece haver um desinteresse da família pela vida escolar de seus filhos, e uma desmotivação do professor em relação à sua profissão, como possibilitar a aproximação de tais agências de socialização infantil?

Neste momento destaca-se a categoria *orientação às pessoas* (n=4; 4,3%). As pessoas que assim respondem entendem que o psicólogo na escola pode ouvir as pessoas e ajudá-las em seus conflitos pessoais.

“Ele deve ensinar às pessoas que não sabem ainda” (P. 9, aluno).

“Ajudar às pessoas que necessitam na escola” (P. 15, aluno).

“Ah, que ele possa vir aqui e perguntar às pessoas o que elas sentem” (P. 44, aluno).

“Ele conversa com as pessoas para você se acalmar” (P. 68, aluno).

Nos limites deste trabalho não é possível dizer exatamente a quem os participantes se referiam ao mencionar que esperam que o psicólogo na escola ajude as pessoas, por isso optou-se por deixar essa categoria em separado.

Cabe ressaltar que aqueles que assim respondem são todos alunos que parecem não ter muito conhecimento acerca do que o psicólogo escolar pode fazer na escola, apresentando respostas vagas, que aludem em um primeiro momento a uma atuação voltada para a escuta e orientação diante das demandas apresentadas. A psicologia escolar, como área de atuação do psicólogo, diferencia-se das demais áreas, pois se vale dos conhecimentos científicos acerca do funcionamento psicológico humano na orientação da queixa escolar, tendo em conta a multiplicidade de fatores e dimensões que constituem os sujeitos, bem como as relações humanas e práticas sociais, sendo a educação uma expressão das últimas (Martinez, 2010).

Na categoria *Não respondeu* (n=3; 3,1%) foram incluídas as respostas de três participantes de uma mesma escola, que, ao serem questionadas sobre o que esperam que o psicólogo faça na escola, mencionaram um trabalho de parceria que existe entre a escola e a secretaria de saúde do município.

“Não temos psicólogos que atendem dentro dos CEMEI^S. Estes profissionais atendem nos consultórios; para onde a família dos alunos se dirige para o atendimento. O que espero, é que através dos atendimentos, o problema que o aluno apresenta seja sanado” (P. 36, professora).

“Na nossa instituição ele não atende dentro dela, ou seja, ela faz atendimento às famílias as, às crianças e auxilia as professoras no consultório” (parceria creche-saúde) (P.37, servente).

“A mesma não atende dentro da creche e sim no consultório, onde ela atende às famílias, crianças que detecta algum problema e auxilia os professores” (P. 38, diretora).

Os relatos por ora apresentados parecem indicar a incompreensão da questão *“O que você espera que ele [o psicólogo] faça na escola?”*. As participantes respondem abordando a parceria existente entre a escola e a secretaria de saúde do município, porém, indicando uma atuação mais próxima à psicologia clínica, restrita ao espaço do consultório. Destarte, as respostas emitidas pelas participantes denotam conhecimento escasso sobre as possibilidades de atuação do psicólogo escolar na escola.

E, por fim, a categoria *outros* (n=7; 7,3%), que concentra as respostas daqueles que esperam que o psicólogo na escola: ajude à escola (n=2); tire o bullying (n=1); que antecipe situações (n=1); não sabe (n=1); ele deve estudar muito (n=1); que seja ativo na desconstrução do sistema que muitas vezes limita as potencialidades dos alunos (n=1).

“Tirar o bullying” (P.5, aluno – tirar o bullying)

“Ele deve estudar muito” (P. 10, aluno – ele deve estudar muito).

“Seja ativo na desconstrução do sistema que muitas vezes limita as potencialidades dos alunos (P. 30, professor - que seja ativo na desconstrução do sistema que muitas vezes limita as potencialidades dos alunos)

“Muitas mudanças. Porque tem muitas mentes que só pensam em coisas ruins” (P.45, aluno – ajude a escola)

“Que consiga antecipar certas situações e descobrir casos e problemas que os alunos e professores estão passando” (P. 57, diretora - antecipe situações)

“Eu não sei como é a atuação do psicólogo na escola. Então não sei de qual forma ele poderia estar contribuindo (P. 79, aluno – não sabe)

Das respostas elencadas acima, destaca-se para a discussão a resposta de P5, *“tirar o bullying”*. O *bullying* é uma das manifestações da violência na escola, cada vez mais presente entre os alunos, podendo trazer consequências negativas para a saúde e o bem-estar da vítima, com danos para o seu desenvolvimento psicológico, social e intelectual. Contudo, em muitos contextos, o professor e, por que não dizer, a própria escola, que deveria ser um ambiente de cuidado e proteção aos estudantes de maneira geral e, de modo especial, às vítimas e espectadores (quem presencia) desse tipo particular de agressão, por muitas vezes, age de forma conivente com a mesma, devido, em grande medida, ao seu despreparo para lidar com o problema, o que favorece a sua ocorrência. Diante disso, faz-se necessário a atuação do psicólogo escolar, envolvendo toda a equipe,

família e comunidade escolar, propondo formas de enfrentamento eficazes de modo a promover a conscientização acerca das consequências do *bullying* para os envolvidos, bem como a prevenção de ocorrências futuras, o que pode ser realizado, por exemplo, por meio do aprimoramento de habilidades sociais (Lisboa, Campos & Dias, 2011) e educação socioemocional.

Por fim, chama-se a atenção para a resposta de P. 45 “*Muitas mudanças. Porque tem muitas mentes que só pensam em coisas ruins*”, que se apresenta como um grito de socorro, um sinal de alerta. Não há como afirmar com certeza a que o participante se refere com “*coisas ruins*”, porém, supõe-se que ele esteja se referindo a comportamentos suicidas (autolesão, ideação suicida e tentativas de suicídio), tão presentes atualmente nas escolas. Situações como esta apresentam-se como um dos grandes desafios, exigindo um olhar atento e uma intervenção cuidadosa, visando a sua prevenção. Contudo, não é demais ressaltar que uma intervenção eficaz deve contar com a participação de toda a comunidade escolar e da família dos alunos: o psicólogo sozinho não consegue fazer muita coisa.

4 CONCLUSÃO

O presente trabalho tem por objetivo verificar as concepções dos atores escolares sobre as possibilidades de atuação do psicólogo na escola. Pretendia-se investigar as expectativas dos mesmos em relação às contribuições que o psicólogo pode trazer para escola, tendo em vista os problemas atualmente vivenciados em tal contexto. Partindo de discussões de autores da psicologia escolar crítica, e de experiência com estágios em escolas, creches e centros de educação infantil, esperava-se que grande parte dos entrevistados atribuíssem ao psicólogo a função de atender exclusivamente os alunos, em detrimento dos demais segmentos da comunidade escolar.

De posse dos resultados encontrados, afirma-se que, de fato, grande parcela das respostas emitidas pelos participantes deixa transparecer que ainda vigora nas escolas o entendimento de que o psicólogo atuará dando prioridade ao atendimento e orientação aos alunos, aproximando-se do modelo clínico e individualizante que por muito tempo dominou a prática do psicólogo escolar nas escolas.

Apesar disso, há pessoas que reconhecem a possibilidade de atuação, também com professores, familiares e equipe em geral, denotando a construção de uma nova concepção acerca das possibilidades de atuação do psicólogo na escola. Os dados indicam ainda a possível compreensão da complexidade do processo ensino-aprendizagem, considerando

os múltiplos fatores que colaboram para a constituição da queixa escolar, tais como: aspectos históricos, culturais, sociais e econômicos, saindo de uma postura culpabilizadora, para uma postura co-responsabilizadora diante do fenômeno educativo.

Desponta dos dados o reconhecimento da necessidade de intervenção com docentes e demais funcionários. A equipe diretiva e professores parecem no momento estar cientes de que eles também precisam ser cuidados, depositando no psicólogo a expectativa de amenização dos problemas de cunho pessoal e pedagógico, que interferem direta ou indiretamente na qualidade do trabalho desempenhado junto aos alunos. Tais dados indicam uma possível mudança de perspectiva diante da atuação do psicólogo na escola, antes restrita apenas ao atendimento ao aluno.

Este é um dado muito animador, contudo, é preciso um cuidado para que o psicólogo não assuma o lugar de “redentor da escola”, visto que não é incomum essa associação. A escola, muitas vezes entendendo já ter feito tudo o que estava ao seu alcance, deposita no psicólogo a esperança de solução de todos os seus problemas. No entanto, cumpre destacar que a orientação da queixa escolar deve ser feita de maneira coletiva, com a ampla participação dos envolvidos (professores e família) em todas as etapas, até mesmo no planejamento das ações de enfrentamento.

Desta forma, o psicólogo deve procurar atuar de maneira preventiva, com ações de longo prazo e contínuas, que envolvam toda a comunidade escolar, notadamente os professores, uma vez que a atuação direta com os docentes repercutirá indiretamente nos alunos e em seu comportamento na escola. O mesmo pode ser estendido ao trabalho com a família, orientando-a em suas dificuldades em relação à educação de seus filhos. Cumpre destacar que muitos comportamentos dos alunos na escola são reflexos de situações vivenciadas em casa. Nesta perspectiva, a orientação aos pais, em muitas ocasiões, pode ser efetiva para a solução dos problemas no processo ensino-aprendizado, juntamente com a intervenção direta com os alunos.

Entretanto, para que isto possa se tornar realidade nas escolas, é necessário o investimento na formação inicial e continuada de psicólogos, de modo a contemplar disciplinas e estágios na área, instrumentalizando-os a atuar no contexto escolar/educativo, visto que ainda persistem em nosso país cursos de graduação em psicologia que não contemplam satisfatoriamente disciplinas e experiências na área de psicologia escolar. Em consequência disso, psicólogos, quando atuando em escolas, acabam por empreender uma prática muito marcada pela modalidade de psicologia clínica. Não se quer, com isso, dizer que não se possa fazer clínica na escola, mas somente

que este não deve ser o foco de atuação do psicólogo escolar, que deve atuar de forma a considerar a complexidade do processo educativo.

Sendo assim, ressalta-se que avaliação, diagnóstico e orientação constam entre as possibilidades de atuação do psicólogo escolar, que não devem ser realizadas de forma isolada, desconsiderando-se os processos constituintes da queixa, nem mesmo deve ser centrado apenas no aluno. Ao contrário, deve, em um trabalho conjunto com os professores, levar em conta os fatores sociorrelacionais nos quais as dificuldades escolares se revelam.

Por fim, para trabalhos futuros que investiguem a temática por ora discutida, recomenda-se a realização de entrevistas com os participantes, a fim de compreender melhor alguns pontos que não puderam ser esclarecidos apenas com a aplicação do questionário.

REFERÊNCIAS

- Andrada, E. G. C. (2005). Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 196-199. Recuperado em 26 de maio de 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v18n2/27470.pdf>.
- Aquino, F. S. B, Lins, R. P. S, Cavalcante, L. A. & Gomes, A. R. (2015). Concepções e práticas de psicólogos escolares junto a docentes de escolas públicas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(1), 71-78. Recuperado em 26 de maio de 2019 de: <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191799>.
- Ezpeleta, J. & Rockwell, J. (1986). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez.
- Guzzo, Raquel S. L., Mezzalira, Adinete S. C., Moreira, Ana Paula Gomes, Tizzei, Raquel Pondian, & Silva Neto, Walter Mariano de Faria. (2010). *Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(spe), 131-141. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000500012>
- Lapo, F. R., & Bueno, B. O. (2003). Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, 118, 65-88. Recuperado em 2 de junho de 2019 de: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16830>.
- Lisboa, C., Campos, D. M, Dias, T. O. Os desafios no cotidiano da escola: violência, clima social escolar e bullying. In: R. S. L. Guzzo & C. M. Marinho-Araújo (Orgs.). *Psicologia escolar: identificando e superando barreiras* (Cap. 12, pp.245-260). Campinas: Alínea.
- Lima, A. O. (2005). Breve Histórico da Psicologia Escolar no Brasil. *Psicologia Argumento*, 23(42), 17-23. Recuperado em 19 de maio de 2019 de: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19637>.
- Marinho-Araújo, C. M., & Almeida, S. F. C. de (2005). *Psicologia Escolar: Construção e Consolidação da Identidade Profissional*. Campinas: Editora Alínea.
- Martinez, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? *Em Aberto, Brasília*, 23(83), 39-56, mar. 2010.
- Neves, M. M. B. J. (2015) A atuação do psicólogos escolares no distrito federal. In: C. M. Marinho-Araújo (Org.). *Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, formação e prática* (Cap.3, pp.47-63). Campinas: Alínea.
- Neves, M. M. B. J (2011). Queixas escolares: conceituação, discussão e modelo de atuação. In: R. S. L. Guzzo & C. M. Marinho-Araújo (Orgs.). *Psicologia escolar: identificando e superando barreiras* (Cap. 8, pp.175-192). Campinas: Alínea.
- Oliveira, C. B., & Marinho-Araújo, C. M. (2009). *Psicologia Escolar: cenários atuais*. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(3), 648-663. Recuperado em 19 de maio de 2019 de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n3/v9n3a07.pdf>.
- Patias, N. D, Blanco, H. M, & Abaid, J. L. W. (2009). *Psicologia escolar: proposta de intervenção com professores*. *Cadernos de Psicopedagogia*, 7(13), 42-60. Recuperado em

26 de maio de 2019, de
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167610492009000100003&lng=pt&tlng=pt.

Patto, M. H. S. (Org.). (1997). *Introdução à psicologia escolar*. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Patto, M. H. S. (2015). *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. 4 ed. São Paulo: Intermeios.

Pozzobon, M; Pezzi, F. A. S & Marin, A. H. (2014). Compartilhando saberes: relato de uma intervenção com professores. *Aletheia*, (43-44), 239-247. Recuperado em 26 de maio de 2019 de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n43-44/n43-44a18.pdf>.

Prodanov, C. C., Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale.

Rebolo, F.; Bueno, B. O. (2014). O bem-estar docente: limites e possibilidades para a felicidade do professor no trabalho. *Acta Scientiarum. Education*, 36(2), 323-331. Recuperado em 26 de maio de 2019 de <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/21222/13230>.

Souza, Marilene Proença Rebello de. (2007). Reflexões a respeito da atuação do psicólogo no campo da psicologia escolar/educacional em uma perspectiva crítica. In: H. R Campos (Org.), *Formação em psicologia escolar: realidades e perspectivas* (Cap. 7, pp. 149-162). Campinas: Alínea, 2007.